



APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

THEORETICAL INDICATIONS FOR RELATION BETWEEN LANDSCAPE AND PHOTOGRAPHY IN GEOGRAPHY

Rafaela Araujo do Nascimento¹, Valdir Adilson Steinke²

RESUMO

A utilização de elementos visuais se apresenta cada vez mais crescente e intenso na sociedade, devido sobretudo às últimas décadas de expansão significativa no campo tecnológico. De modo singular a ascensão da fotografia, que no tempo presente é de amplo acesso para registros instantâneos. Um tema central na discussão da ciência geográfica é a análise da paisagem, em especial, a relação Geografia-Paisagem-Fotografia, que demanda uma discussão teórica mais verticalizada. Neste sentido, o objetivo deste ensaio é trazer à tona apontamentos teóricos necessários a uma relação significativa entre estes campos de estudos, tratando-se de uma breve discussão teórica capaz de contribuir ao embasamento metodológico para o aperfeiçoamento destas interfaces.

Palavras-chave: Território; Fotografia; Análise Geográfica.

ABSTRACT

The use of visuals, appears increasingly growing and intense in society, the last decades have been significant expansion in the technological field. Uniquely the rise of photography, which at this time is broad access to instant records. A central theme in the discussion of geographical science is the analysis of the landscape in this respect geography-Landscape-Photography relationship, demands a more delicate and vertical discussion. In this sense, the objective of this paper is to bring out theoretical approaches necessary for a meaningful relationship between these fields of study. So this is a brief theoretical discussion can contribute to the methodological basis for the improvement of these interfaces.

Key-words: Territory; Photography; Geography Analysis.

Recebido em: 16/06/2016

Aceito em: 06/12/2017

¹ Universidade Nacional de Brasília, Brasília/DF, e-mail: rafaela.unb@gmail.com

² Universidade Nacional de Brasília, Brasília/DF, e-mail: valdirs@unb.br

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

1. INTRODUÇÃO

No campo de investigação da ciência Geográfica, indiscutivelmente amplo e complexo, é possível afirmar que seus horizontes parecem não ter limites, em especial pelas infinitas possibilidades de interações que esta área do conhecimento possibilita.

Historicamente, a Geografia tem, como um de seus temas de investigação central a representação visual, no entanto, nos tempos mais recentes da história humana, é inegável o ciclo de desenvolvimentos tecnológicos e culturais, em especial com os progressos tecnológicos mais atuais, o que caracteriza um desafio ainda mais amplo para a ciência geográfica e sua respectiva preocupação em apresentar e representar o mundo e seu amplo espectro, por meio da linguagem visual.

Esse espectro amplo e repleto de possibilidades traz a segurança para tratar a temática geográfica como uma intrincada rede de conexões, a qual requer prudência quanto aos arranjos que se articulam nestas conexões e acabam refletindo em um conjunto de cenários a serem analisados. Talvez, um “caleidoscópio” possa representar, em certa medida, as inúmeras possibilidades de resultados a partir de um determinado ângulo de observação.

A Geografia poderia então ter suas categorias de análise representadas nesse caleidoscópio, e neste trabalho, optamos por discutir apenas um destes “espelhos do caleidoscópio”, ou “lentes”, ou “olhares”, a paisagem e sua relação com a fotografia para a discussão da ciência Geográfica (STEINKE, 2014).

A paisagem, e conseqüentemente as análises dela derivadas, mostram as diferentes formas em que ocorrem as dinâmicas sociais e ambientais no meio. Estas modificações podem destacar um fator com mais ênfase, em detrimento de outros como, por exemplo, a construção de prédios, a canalização de rios e a organização de espaços urbanos e rurais. A paisagem nos mostra elementos do passado (herança) e do presente (vivido) que convivem cotidianamente em um mesmo espaço, seja de forma a preservar um aspecto natural, ou uma

memória, ou paisagens culturais/antropizadas, do território vivido ao território representado (TURRI, 2011).

Para Schwartz (2000) as investigações de Humboldt, tiveram função significativa em moldar as práticas fotográficas para observação das paisagens, pois seu pensamento amplo e repleto de experiências de campo enquanto explorador, naturalista, historiador, escritor e cientista afetaram diretamente os pressupostos sobre o alcance e efeito da câmera. Segundo este autor, a fotografia ofereceu uma maneira de ver através do espaço e do tempo, desta forma, não é de admirar, então, que Humboldt, viajante científico, observador crítico e escritor prolífico, percebesse o significado desta nova tecnologia.

2. A PAISAGEM

A análise da paisagem acompanhou o processo de evolução científica e epistemológica, portanto, passou por mudanças conceituais e metodológicas ao longo do tempo. Desta forma, não há consenso em torno de uma definição e uma metodologia única a serem seguidas, pois a paisagem torna-se o resultado dos acontecimentos históricos. Ao longo dos anos, os conceitos abordados pelos geógrafos passaram por modificações e adaptações como aponta Corrêa (1995):

A geografia tradicional em suas diversas versões privilegiou os conceitos de paisagem e região, em torno deles estabelecendo-se a discussão sobre o objeto da geografia e sua identidade no âmbito das demais ciências. Assim, os debates incluíam os conceitos de paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de áreas. Envolviam geógrafos vinculados ao positivismo e ao historicismo, conforme aponta CAPEL (1982) ou, em outros termos, aqueles geógrafos deterministas, possibilistas, culturais e regionais. A abordagem espacial, associada à localização das atividades dos homens e aos fluxos, era muito secundária entre geógrafos, como aponta CORRÊA (1986a) (CORRÊA, 1995, p.17).

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

Os geógrafos analisam a paisagem sob duas vertentes: a natural e a humanizada, fator este que gera discussões acerca da referência conceitual e da metodologia que deve ser utilizada em suas pesquisas/experimentos. A paisagem sempre esteve presente na ciência geográfica, e de acordo com Brito e Ferreira (2011).

É possível perceber a existência conceitual de várias paisagens, em forma de região, território, lugar, etc., se fazendo presente na geografia física, quanto na geografia cultural [...]. Diferentes legados e contribuições fundamentaram a concepção de paisagem, colocando-a como categoria de análise geográfica (BRITTO; FERREIRA, 2011, p.2).

Os estudos envolvendo modificações na paisagem proporcionam uma análise acerca das interações físicas e sociais que nela ocorrem, além de fazer com que o pesquisador possa tomar mais de uma característica a ser analisada na sua dinâmica.

A paisagem passou por diversas conceituações ao longo de anos e de diferentes territórios, sobre isso, Schier (2003) afirma que:

A geografia alemã, por exemplo, introduziu o conceito da paisagem como categoria científica e a compreendeu até os anos 1940 como um conjunto de fatores naturais e humanos (Otto Schlüter, Siegfried Passarge e Karl Hettner). Os autores franceses, sob influência de Paul Vidal de la Blache e Jean Rochefort, caracterizaram a *paysage* (ou o *pays*) como o relacionamento do homem com o seu espaço físico. A revolução quantitativa, iniciada nos anos 40 nos Estados Unidos, substituiu o termo *landscape*, que estava, até então, em uso nesse país sob influência da geografia alemã (Carl Sauer), pela idéia da “região” (Richard Hartshorne), sendo esta um conjunto de variáveis abstratas deduzidas da realidade da paisagem e da ação humana. Paralelamente, surgiu na Alemanha e no Leste europeu uma idéia mais holística e sinérgica da *Landschaft*, denominada *Landschaftskomplex* (Paul Schmithüsen), que definiu as unidades da paisagem pelo conjunto dos

seus processos ecológicos. Esta idéia se encontra, entre outros, também na *Landschaftsökologie* (ecologia da paisagem), como foi proposta por Carl Troll e mais tarde por Hartmut Leser. A *Human ecology*, de cunho norte-americano, definiu igualmente a paisagem como um sistema ecológico (SCHIER, 2003, p.80).

Os autores franceses, influenciados por La Blache (1941), usam o conceito de *paysage* (ou o *pays*) para caracterizar o relacionamento que o homem estabelece com o seu espaço físico. Sauer (1998) e Claval (1999) afirmam, em suas obras, que é possível notar as diferentes configurações que as paisagens representam, sendo estas geradas da interação homem-meio, resultando nas paisagens culturais.

Ritter (1865) sugere que a área de estudo seja delimitada e que suas particularidades sejam analisadas como próprias daquele lugar para, posteriormente, serem comparadas às outras regiões. Deste modo, ele se destaca pelo estabelecimento de métodos comparativos entre diferentes regiões e paisagens, estabelecendo uma organização dos elementos ambientais e sociais.

Consequentemente, nota-se que é cada vez mais indispensável a análise dos valores e significados que a sociedade atribui às paisagens com as quais se relacionam. Logo, o conceito de paisagem foi utilizado pelos geógrafos como uma área que pode ser reconhecida e entendida, tanto fisicamente, quanto culturalmente, podendo ser, também, representada em mapas e imagens, não se restringindo apenas aos elementos alcançados pela vista.

As paisagens acabam sendo diferenciadas não apenas pelo contexto físico, mas também, pelas consequências das ações culturais e da elaboração de signos representativos de cada cultura/lugar. Logo, os símbolos impostos e, também, relacionados a uma determinada paisagem “imprimem nesse espaço suas características culturais, ou seja, as paisagens naturais ‘evoluem’ para paisagens culturais” (CAETANO; BEZZI, 2011, p.455).

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

A Geografia moderna passou a incluir nos estudos da paisagem os elementos que compõem o espaço, sejam elementos visuais ou resultantes da percepção dos indivíduos, assim como, também, passou a analisar os seres naturais e os resultantes das ações antrópicas na paisagem. No que tange à relação temporal sofrida pela paisagem, Ferrara (1993, p.163) defende a ideia de que o

Ontem e hoje se espelham mutuamente e permitem à experiência de hoje se identificar no passado, porque lá encontra um padrão, um signo melhor elaborado dela mesma: uma aprendizagem que decorre da experiência sedimentada no repertório, visto, então, como memória da experiência, uma aprendizagem que se equilibra entre a securidade da ação e a terceiridade alcançada pela inteligibilidade da experiência capaz de gerar um padrão de conduta, um hábito decorrente de ações e reações sedimentadas.(FERRARA, 1993, p.163).

Ao se estudar a paisagem é indissociável o estabelecimento desta com as variações sofridas ao longo do tempo, pois não haverá apenas a paisagem física, *in natura*, mas também, a paisagem cultural. A paisagem, ao ser compreendida como um emaranhado natural e social, deve ser estudada como “essa paisagem cultural se afirmará desse modo, através das singularidades dos símbolos impressos na mesma, marcando a presença de determinado grupo cultural” (CAETANO; BEZZI, 2011, p.461).

Observar a paisagem e suas mudanças tornou-se imprescindível para pesquisadores que trabalham com o território e questões ambientais, pois isto permite entender o lugar como condição social. Além disso, a percepção constrói e, também, desconstrói a memória individual e coletiva, uma vez que “as lembranças de outras pessoas ou ainda não serem efetivamente pessoais, mas passam a ser através de experiências advindas da oralidade, do espaço ou de outro veículo, desde que as pessoas envolvidas façam parte dos mesmos grupos sociais” (AZEVEDO, 2013, p.152). Consequentemente, Brito e Ferreira (2011) destacam que:

A evolução das diferentes abordagens filológicas congrega o conceito de paisagem ora de forma estática, ora dinâmica, ora destacando seu caráter abstrato, ora como produto territorial das ações entre o capital e o trabalho, ora de caráter mais holístico. Atualmente, a paisagem, como um conceito que sintetiza o objeto geográfico, deve abarcar as questões ambientais e estéticas, incluindo o homem e suas ações, diretas ou indiretas, no espaço (BRITTO; FERREIRA, 2011, p.6).

Turri (2011) defende a ideia de que a paisagem se transforma continuamente devido a reterritorialização dos espaços onde o homem interage. Contudo, concomitantemente à modificação de algumas paisagens, a sociedade ainda conserva algumas, seja por questões de preservação ambiental ou por fazerem parte de momentos importantes em suas vidas. A esse respeito Schier (2003) chama atenção para o fato de que:

Não se trata mais da interação do homem com a natureza na paisagem, mas sim de uma forma intelectual na qual diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nela. Nesta perspectiva, a paisagem é a realização e materialização de ideias dentro de determinados sistemas de significação (SCHIER, 2003, p.81).

A paisagem, portanto, pode ser compreendida como o aspecto visível das transformações sociais no espaço geográfico e a sua observação faz com que seja entendido os acontecimentos físicos e sociais que ocorrem/ocorreram em uma determinada região. Caetano e Bezzi (2011, p.454) afirmam ser necessário “integrar o conhecimento físico-biológico ao se desenvolver um estudo atrelado ao processo de transformação da paisagem e a consequente repercussão dessas mudanças para os grupos culturais”, pois a paisagem natural não possui as ranhuras causadas pelas ações antrópicas e, para ter uma visão geral das modificações, seria necessário abordar a paisa-

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

gem com as alterações geradas pelos diversos nichos sociais. Segundo Ferrara (1993) a pesquisa por meio da percepção ambiental requer alguns cuidados pois,

Para uma pesquisa de percepção ambiental, a contextualização é a primeira etapa metodologicamente orientada e de importância fundamental, porque dela depende o levantamento de hipótese possíveis sugeridas por um contato ainda superficial com o espaço concreto, mas suficientemente sugestivo para permitir apreensão de imagens urbanas que atraiam a atenção e permanecem, para o pesquisador com um desafio a ser respondido cientificamente, uma curiosidade que só será satisfeita quando a possibilidade daquelas hipóteses for superada pela generalização, capaz de explicar manifestações urbanas que ocorrendo repetidamente em lugares diversos, permitem uma aproximação de lugares em um espaço mais concreto e real (FERRARA, 1993, p.156).

Linton (1960), alertava que os geógrafos não se preocupam exclusivamente com o estudo da paisagem, mas o fato é que a paisagem é um desafio intelectual, um entendimento e uma explicação exigentes e, portanto, necessita de análise e descrição precisa. Na sua necessidade de comparar as paisagens de diferentes regiões, os geógrafos devem discernir e apreciar os caracteres distintivos de cada um.

A percepção, na análise das modificações da paisagem, lança questões sociais e individuais sobre os processos de modificação no meio. As ideias acerca de um tema podem se atrelar aos sentimentos que cada indivíduo tem com uma paisagem, gerando com isto um juízo perceptivo que permite, por meio da experiência, a continuidade, ou não, de certos costumes.

A Geografia, por meio da experiência social, interpreta os signos e ações culturais na paisagem. Neste contexto, a imagem fotográfica se tornou um recurso de análise das variações da paisagem ao longo do tempo, uma vez que pode mostrar a leitura que a sociedade

possui sobre a paisagem e, também, sobre as questões relacionadas ao seu imaginário espacial.

Ao longo da ocupação espacial e desenvolvimento cultural, “o Homem estabeleceu um conjunto de práticas através das quais são criadas, mantidas, desfeitas e refeitas as formas e as interações espaciais” (CORRÊA, 1995, p.35), o ambiente vai sendo moldado para suprir as necessidades do ser humano e tais práticas podem alterá-lo como um todo ou apenas algumas parcelas do ambiente natural.

3. A PAISAGEM COMO REFLEXO DAS AÇÕES SOCIAIS

Tornou-se, quase que um mecanismo automatizado e especialmente difundido na linguagem coloquial, que os ambientes naturais, como rios, serras, bosques, entre outros, diferentes combinações entre espaço, clima e tempo (horário), criam-se infinitas possibilidades de composições do lugar, e que tem sido utilizado para qualificar a beleza cênica deste conjunto de elementos, como a paisagem. No entanto, este mosaico de elementos encadeados não define, ainda, uma paisagem. Simel (2011) revela que é necessário uma observação mais ampla e profunda, em especial ao que tange a percepção, e é:

Precisamente aí onde a unidade da existência natural tende a integrar-nos nela, a nós bem como à paisagem à nossa frente, a cisão num eu que observa e num eu que sente revela-se duplamente errônea. Estamos em face da paisagem, a natural e a que deveio artística, como seres humanos inteiros, e o acto que a cria para nós é imediatamente um acto que observa e um acto que sente, que só a reflexão posterior dissocia nestas particularidades (SIMEL, 2011, p.51).

Segundo Turri (2011, p.169) “é necessário restituir a paisagem ao campo das manifestações culturais e do universo representativo dos indivíduos e da sociedade”. Assim, segundo o autor supracitado, a mudança na paisagem reflete a ação antrópica, revelando “os

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

significados subjetivos dos valores histórico-culturais que refletem [sic] uma identidade territorial”. Desta forma é possível encontrar diferenças conceituais entre regiões distintas, como é o caso das definições americana e russa:

[...] whereas the concept of landscape in the English-speaking world has typically focused on landscapes as molded by humanity or as understood, perceived, and represented in different ways, the Russian approach has generally emphasized landscape's biophysical characteristics and its potential for utilization or transformation by humanity (SHAW; OLDFIELD, 2007, p. 21).

Contudo, a interação/modificação do homem com o meio ambiente está cada vez maior e ocorrendo de forma mais consolidada, o que torna difícil fazer uma análise ambiental sem levar em consideração a ação antrópica. Assim, interpretação das modificações nas paisagens dependem da “capacidade que o ser humano possui de gerar informações a partir dos impactos ambientais urbanos que constituem seu cotidiano, a partir dessa produção, o ser humano conhece seu ambiente e é capaz de, sobre ele, produzir significados e ações” (FERRARA, 1993, p.264).

A partir disso, pode-se concluir que a percepção das modificações no meio depende não apenas do conhecimento que o indivíduo possui, mas também dos signos que este estabeleceu com o meio, dos seus sentimentos e das práticas sociais e culturais vivenciadas por este indivíduo. Desse modo, a experiência de vida de cada indivíduo apresenta uma interpretação para uma determinada paisagem. A importância atribuída à paisagem depende da percepção do indivíduo para com o meio, pois segundo Brito e Ferreira (2011).

[...] Dentro da Geografia, a paisagem adquiriu um caráter polissêmico, variável entre as múltiplas abordagens geográficas adotadas e dependente das influências cultu-

rais e discursivas entre os geógrafos (BRITTO; FERREIRA, 2011, p. 25).

Nesse sentido deve-se ter em mente que “as cidades expressam a manifestação das particularidades culturais de um grupo, apresentando as transformações simbólicas de uma cultura através da temporalidade” (CAETANO; BEZZI, 2011, p.461). As cidades passam por modificações cada vez mais constantes e antigas paisagens dão lugar a paisagens modernas e de usos, muitas vezes, diferentes dos anteriores, mudando, desta forma, os símbolos que lhes foram anteriormente atribuídos.

Azevedo (2013, p.151) afirma que “é importante dizer que a memória coletiva de uma sociedade está também expressa no seu espaço. Logo, quando um espaço é modificado, transformado de forma intensa, a memória também sofre mudanças, podendo ser fragmentada, confusa, ou ainda apagada”.

As pesquisas realizadas por Mahdjoubi e Akplotsyi (2012) mostraram que a percepção ambiental exerce diferentes estímulos nas pessoas, e tal percepção pode modificar a forma como as pessoas interagem com o meio, fazendo com que umas estabeleçam uma relação mais intensa do que outras. Carvalho *et al* (2009) defendem a ideia de que, quando o sujeito relaciona suas lembranças e vivências a um meio, ele resulta afirmando e/ou negando mais uma vivência em função de outra, este fato estaria diretamente relacionado às experiências vividas naquele meio.

Silveira (2009, p.12) afirma que a ideia de que a emergência das questões ambientais está ligada “à perda da qualidade de vida dos seres humanos, devido ao caráter predatório e degradador do meio ambiente relacionado a uma apropriação desregrada da natureza, culminando na alteração constante das paisagens”. Tendo como base tal ideia, é necessário ter a paisagem não apenas como uma condicionante de desenvolvimento, mas também, de uma espécie de reflexo das ações da sociedade, pois segundo Silveira (2009, p.12), a paisagem “compõe aspectos culturais relevantes da sociedade, que exprime valores, posturas e a pró-

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

pria existência humana como ser explorador e ao mesmo tempo contemplador”.

Na paisagem, segundo Turri (2011, p.173), “podemos encontrar o reflexo da nossa ação [sic], a medida do nosso viver e agir no território”, o que faz com que a sociedade seja, responsável pelas mudanças na paisagem local, pois à medida que estabelece relações sociais, atribuí-se um conjunto de valores à paisagem, podendo desencadear a mudança de alguns locais, com vista a suprir as demandas da sociedade. Contudo, deve-se levar em consideração que:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

É preciso frisar bem que não se trata somente da paisagem ‘natural’ mas da paisagem total integrando todas as implicações da ação antrópica [...] (BERTRAND, 2004, p.141).

Tal ideia se tornou cada vez mais aceita pelos geógrafos, pois é na paisagem que se observam as mudanças na vivência social, assim como as consequências das estratégias econômicas, que acabam resultando em uma identidade territorial da sociedade com a paisagem local. Neste sentido, Turri (2011, p.176) estabelece uma relação entre a Teoria dos Sistemas e a paisagem, afirmando que “a paisagem seria o momento comunicativo entre dois sistemas, o sistema social e o sistema territorial. Para o sistema social em particular, a paisagem eleva-se a referência perceptiva, mediada pela cultura, pelo seu operar na natureza”. Assim, as pesquisas sobre a interação homem-meio são cada vez mais importantes para entender as mudanças que ocorrem na paisagem, como afirma Silveira (2009).

[...] Os estudos de paisagem servem como base para reordenamento de territórios, gestão e planejamento de recursos naturais por parte de organizações não governamentais e organismos oficiais. Além disso, essa categoria espacial insere-se na produção científica e orienta estudos e ações de diversos profissionais, ligados à arquitetura, agronomia, biologia/ecologia (SILVEIRA, 2009, p.13).

Em consonância com o exposto acima, a paisagem exerce uma “função de referente visual fundamental para os fins da construção territorial” (Turri, 2011), pois nela ocorre a interação de um espaço sem significado/vazio de sentimento para se transmutar na paisagem que, após a interação cultural, agrega símbolos e sentimentos.

As modificações na paisagem serviriam para garantir a sobrevivência e o desenvolvimento da sociedade, pois juntamente com uma gestão do território eficiente e controle organizacional ter-se-ia uma produção de alimentos e meios que melhorassem a qualidade de vida, se não de todos, ao menos, da maioria da população. No que tange a percepção ambiental vivida pela sociedade, Costa (2014) afirma:

A paisagem enquanto suporte material das lembranças assenta afetividade e efetiva acontecimentos, grupos sociais e saberes-fazer, guarda as marcas do tempo, o movimento da história. Identidade é enraizamento, é sobreposição de objetos e ações e identificação com estes mesmos elementos; a paisagem-memória cumpre esse papel de enraizar para afagar a alma humana com receio de se perder ante a coletividade e a fugacidade do mundo. Por um lado, se a paisagem é material, por outro, sua função é a de alimentar o subjetivo. Ela indica as correntezas das relações do passado e preserva as tradições técnicas no presente para, sobretudo, dar corpo a um imaginário sobre objetos, lugares e grupos a serem mantidos nas lembranças do futuro. As iconografias podem cumprir o papel de registro, de preservar, então, a sabedoria, os desejos, as necessidades, cumprir as técnicas e a ética sociais; preservar a paisagem

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

cultural da humanidade é preservar singulares sentidos da vida material e intersubjetiva; é uma prática em defesa da memória social (COSTA, 2014, p..82-83).

Os usos que se dão a uma determinada paisagem, além de sua questão funcional, constroem a identidade social de uma região, onde o cotidiano pode gerar diferentes percepções sobre uma mesma paisagem. E, com o decorrer do tempo, a paisagem pode se tornar cada vez mais inseparável a um sentimento, pois os usos e hábitos estabelecem uma ligação íntima com o local e com seus símbolos e códigos.

A percepção ambiental deve estar ligada às informações contidas nos símbolos e interações antrópicas estabelecidas com o meio natural, sobretudo ligada à desconstrução destes códigos e sentimentos intrínsecos à paisagem, sobre isso Linehan e Gross (1998) ressaltam que:

To become more socially relevant, landscape planners must become aware of, account for, incorporate, and challenge the problems and opportunities that cultural adoptability, economic viability, social equitability, and political relevancy have on the ecological condition of our landscapes. For although natural processes largely determine the ecological condition of our landscapes, social processes will continue to determine the directionality these processes take. Since the fate of our landscapes lies so squarely on the lap of society, it is imperative that our research move beyond our traditional descriptions of space, our academic divisions, and our rational methods (LINEHAN; GROSS, 1998, p. 43).

As paisagens e a cultura de uma determinada região direcionam as mudanças que nela ocorrem e, como defende Bignante (2011):

[...]D'altra parte, benché forse in maniera meno invasiva rispetto a oggi, l'uomo è da sempre immerso in una cultura visuale. Le immagini giocano, oggi come in passato, un ruolo rivelante nell'influenzare mode, nel

consolidare percezioni, nel trasmettere informazioni, nel costruire modalità di osservazione della realtà.[...] (BIGNANTE, 2011, p.5).

As observações da paisagem demandam cada vez mais a utilização de diferentes abordagens, métodos cada vez mais complexos e ligados a questões de percepção e cultura. Portanto, as imagens são elementos necessários no estudo da paisagem, pois por meio delas pode-se estabelecer uma cronologia das modificações na paisagem e, conseqüentemente, dos acontecimentos sociais vividos pela população.

A paisagem pode ser entendida como resultante de inter-relações entre diversas unidades ambientais e sociais onde, de acordo com a Teoria Geral de Sistemas empregada por Christofolletti (1979), o grau de organização de um conjunto permite que este assuma uma função de um todo, este todo não representa a simples soma das partes. Essa teoria fez com que os estudos geográficos centralizassem suas pesquisas e dessem maior exatidão à suas investigações, além de propiciar oportunidade para reconsiderações críticas de muito dos seus conceitos. Desse modo:

As paisagens constituem respostas a um complexo de processos, cada um exigindo apropriadas escalas espacial e temporal para serem estudados. Na esculturação das formas de relevo essa complexidade é descrita pelas inúmeras variáveis envolvidas, havendo entre elas interação, interdependência e mecanismos de retroalimentação (CHRISTOFOLETTI, 1980, p.171).

Contudo, é importante salientar que o conhecimento acerca de alguns eventos naturais "sempre é imperfeito porque se expressa através dos recursos de determinada linguagem. Cada linguagem apresenta possibilidades diferentes para a descrição e explicação dos fenômenos observados" (CHRISTOFOLETTI, 1980, p.176). A paisagem se vincula a um período de transformações na sociedade, mostrando a apropriação e a modificação do espaço.

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

Para Cosgrove (1998), a paisagem seria uma forma material que resulta da ação humana sobre a natureza primeira, em que ela deve ser sempre analisada juntamente às transformações econômicas, sociais, políticas e ambientais. O principal problema enfrentado nesta correlação é “identificar os elementos, seus atributos e suas relações, a fim de delinear com clareza a extensão abrangida pelo sistema em foco” (CHRISTOFOLETTI, 1980, p.2), mas é importante frisar que um elemento não necessariamente exerce uma hierarquia de importância sobre outro, sendo assim, todos devem ser analisados de forma igualitária.

4. PAISAGEM E FOTOGRAFIA

Na concepção de Nickel (2012) no discurso cotidiano, a palavra "paisagem" denota uma área de abertura do espaço exterior considerado principalmente por seus aspectos visíveis. Esse mesmo discurso se refere a um tipo de imagem que representa uma determinada localidade. Essa noção aparentemente sem idade, nas quais as características físicas peculiares da terra podem ser apreciáveis, especialmente pelo seu aspecto e apelo estético, independentemente da sua utilidade, revela-se bastante moderno.

O surgimento da fotografia na década de 1840 correspondeu apenas ao momento em que essa mudança de atitudes foi plenamente realizada, um pouco de tempo que fez a emulação da paisagem romântica parecer inexorável e nossa aceitação da categoria sem costura. Mas, na verdade, não há nada natural ou inevitável sobre a paisagem fotográfica, e se arranharmos a superfície da história e da estética que a conduzam, surge uma abundância de complexidades (NICKEL, 2012).

A imagem fotográfica fornece uma especificidade visual de algo como realmente foi, em determinado momento, registrado por uma câmera, como se a fotografia carregasse sempre com ela mesma sua referência, nas palavras de Barthes (1982, p. 5). Este mesmo autor afirma que “a fotografia nunca mente; ou melhor, ela pode até mentir quanto ao significado da

coisa, sendo por natureza tendenciosa, mas nunca como existência”.

As fotografias representam a realidade vivida, a realidade selecionada, o olhar do indivíduo sobre algo. As informações contidas nas fotografias podem ter diferentes finalidades, mas, de uma forma geral, expressam informações sociais e/ou ambientais, além de provocar no observador diferentes reações.

O fotógrafo exprime o seu olhar sobre a paisagem e a fotografa, mostrando nesta a sua visão de mundo. Nesse sentido, “a fotografia não apenas reproduz o real, recicla-o – um procedimento fundamental numa sociedade moderna.]” (SONTAG, 2004, p191).

A fotografia tem o poder de gerar no observador questionamentos acerca de algo, seja aquela utilizada como arte ou como meio de informação, pois ao ver a fotografia começa-se a indagar quais os pensamentos que levaram o fotógrafo a posicionar determinados ângulo e olhar ao invés de outros possíveis.

Contudo, “o geógrafo deveria estabelecer para o uso da fotografia um compromisso desafiador. [...] O desafio seria o de empregá-la com vistas a uma análise crítica” (REIS JÚNIOR, 2014, p.32). Assim, Aumont (2011) sugere que a fotografia exerce funções psicológicas e, ao acentuar o real, estabelece a criação de códigos sociais, culturais e ambientais. Em consonância com estas ideias, Bignante (2011) afirma que:

A lungo, dunque, il ruolo giocato dalle immagini, e dalla fotografia in particolare, nell'analisi geografica è stato soprattutto quello di produrre, attraverso l'osservazione, descrizioni visive il più possibile complete e pertanto <<scientifiche>>. Oggi tuttavia la geografia, prese le distanze dalla ricerca di un'oggettività scientifica nel proprio operare, in più modi ha messo in discussione la possibilità di produrre descrizioni definitive ed esaustive del mondo. Bignante (2011, p. 11).

As fotografias mostram ou ampliam a realidade e produzem, nos indivíduos, sentimentos, inclusive o de pertencimento a uma

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

dada região ou lugar, pois “não se pode possuir a realidade, mas pode-se possuir imagens (e ser possuído por elas) [...] Possuir o mundo na forma de imagens é, precisamente, reexperimentar a irrealidade e o caráter distante do real” (SONTAG, 2004, p.180). A realidade, por meio das fotografias, passaria a fazer parte das lembranças de cada indivíduo. A documentação iconográfica se torna cada vez mais relevante para se conhecer as relações antrópicas estabelecidas com o meio, no período passado, mostrando, principalmente, a história vivida e produzida.

O contexto social e geográfico preserva a memória de um determinado tempo e espaço, e na fotografia é possível ver as influências passadas pela paisagem. Tais imagens acabam se tornando “documentos para a história e também para a história da fotografia” (KOSSOY, 1989, p.16), pois o seu conteúdo mostra as interações homem-meio ao longo do tempo.

Ao reconhecer a realidade por meio das fotografias, o indivíduo pode se encontrar e reencontrar numa determinada paisagem, seja ela vivida em algum período de sua vida ou até mesmo imaginada, resultando numa “satisfação psicológica pressuposta pelo fato de “reencontrar” uma experiência visual em uma imagem, sob forma, ao mesmo tempo repetitiva, condensada e dominável” (AUMONT, 2011, p.83). Nesse momento, há uma representação da paisagem que proporciona diferentes formas de ver uma fotografia.

No que tange à realidade, Kossoy (2002) a classifica como *primeira realidade* e *segunda realidade*, em que:

A primeira realidade é o próprio passado. A primeira realidade é a realidade do assunto em si *na dimensão da vida passada*; [...] É também a realidade das ações e técnicas levadas a efeito pelo fotógrafo diante do tema – fatos estes que ocorrem ao longo do seu *processo de criação* - e que culminam com a gravação da aparência do assunto sobre um suporte fotossensível e o devido processamento da imagem, em de-

terminado *espaço e tempo*. São estes, fatos diretamente conectados ao real. [...] Findo o ato a imagem obtida já se integra numa outra realidade, a *segunda realidade*.

A *segunda realidade* é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o suporte no qual esta imagem se encontre gravada. [...] A *segunda realidade* é, a partir do conceito acima, a realidade de fotográfica do documento, referência sempre presente de um passado inacessível (Kossoy, 2002, p.36-37; grifos do autor).

A fotografia, ao retratar sempre fatos passados, pois o instante fotografado não poderá mais voltar, se torna um importante instrumento de análise das modificações na paisagem, sejam elas naturais ou não. Na Geografia, ela pode ser empregada de diferentes modos para pesquisa e de diversos usos, pois “*le immagini, come si è detto, più che mostrare il mondo ne propongono tante, diverse, interpretazioni e escono come le utilizziamo nell’attività di ricerca si permetteranno di leggere, studiare e analizzare la realtà e modalità differenti*” (BIGNANTE, 2011, p.14).

Porém, mesmo tendo um caráter científico, o evento deve ser fotografado até se completar e finalizar o pensamento originalmente definido pelo fotógrafo, pois isto faz com que não haja uma quebra de acontecimentos lógicos e encadeados definidos pelo fotógrafo.

Ao se fotografar uma paisagem, o fotógrafo pode interferir na imagem resultado, destacar algum aspecto em especial ou ignorar algo. Assim, a “imagem pode ser entendida como uma das mediações do homem com o seu mundo, pois as imagens apresentam o mundo acessível e inacessível pela tradução de códigos capazes de decifrar eventos” (STEINKE, 2014, p.46).

Neste momento, o senso do fotógrafo seleciona situações e lugares, assim como julga os eventos como dignos ou não de serem fotografados. E, apesar de todo este processo de construção e desconstrução de um objeto e

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

pensamento, “a foto ainda existirá, conferindo ao evento uma espécie de imortalidade (e de importância) que de outro modo ele jamais desfrutaria” (SONTAG, 2004, p.21-22).

A principal limitação da fotografia está no fato de esta não retratar a realidade como um todo, mas sim, paisagens selecionadas e pré-definidas de um todo. Ao se analisar fotografias é relevante não se ater apenas à imagem em si, e sim relacioná-la com fatores culturais e sociais, de vivência e de produção de espaços.

Ao mesmo tempo que a fotografia exprime recortes espaciais e temporais da realidade, ela gera uma linguagem visual resultante da escolha do objeto e da percepção do fotógrafo. Dessa forma, os fotógrafos (fotogeógrafos) que pretendem expressar um cunho social conscientizador e/ou problematizador supõem que seus registros imagéticos tem o poder de relevar a verdade.

Contudo, “por ser a fotografia sempre um objeto num contexto que molda qualquer uso imediato da fotografia – em especial o político – é imediatamente seguido por contextos em que tais usos são enfraquecidos e se tornam cada vez menos relevantes” (SONTAG, 2004, p.122).

A imagem-foto apresenta um caráter próprio tanto do fotógrafo como da paisagem, e mostra um resultado que visa fornecer informações pré-pensadas e selecionadas, ou seja, a fotografia mostra uma aquisição de conhecimento já pensado pelo fotógrafo, onde este, por meio de seus símbolos e vivências direciona a lente da câmera ao que mais lhe interessa no momento a ser fotografado.

A fotografia, de acordo com o seu uso posterior, também funciona como um “registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência” (KOSSOY, 2007, p.131). No momento posterior, ao apertar do botão da máquina fotográfica, a fotografia já se torna um código, um vestígio da

realidade passada num dado contexto espacial e temporal.

Durante o processo de fotografar, o objeto se torna único, mas não sua análise posterior, pois cada indivíduo ao olhar uma fotografia pode, devido, sobretudo, à sua cultura, analisar uma fotografia de forma diferente da pensada pelo fotógrafo durante o seu processo de produção. Mostrando que, apesar de cada fotografia ter “sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (KOSSOY, 1989, p.22), ela pode resultar em diversas interpretações sobre um mesmo objeto.

Não se pode esquecer entretanto, de que “embora a câmera seja um posto de observação, o ato de fotografar é mais do que uma observação passiva” (SONTAG, 2004, p.22) ela também exprime os sentimentos do fotógrafo para com o local que foi escolhido.

Igualmente, a imagem retida pelas lentes dos fotógrafos, “fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes na cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante do tempo” (KOSSOY, 1989, p.22).

A fotografia, por meio da imagem gerada sobre uma paisagem, tem o poder de conter “em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo de vida” (KOSSOY, 1989, p.69).

No processo de selecionar o objeto a ser fotografado, há o conflito entre objetividade e subjetividade, pois “embora a autoridade de uma fotografia sempre dependa da relação com um tema (de ser a foto de alguma coisa), todas as pretensões fotográficas como arte devem enfatizar a subjetividade da visão” (SONTAG, 2004, p.152), fazendo com que, por mais que tenha um caráter técnico, a fotografia

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

tirada também possa ser encarada como uma forma de arte.

O tempo é um dos principais responsáveis por evidenciar as práticas cotidianas, as interações sociais e a individualidade de cada ser na construção do imaginário espacial. Neste sentido, a fotografia tem o poder de mostrar as modificações visuais ocorridas no cotidiano social, já que em um dado momento “se pode encontrar o elo entre a cotidianidade e a fotografia, a fotografia como representação sócia e memória do fragmentário, que é o modo próprio de ser da sociedade contemporânea” (MARTINS, 2008, p.36). Portanto, a fotografia pode ser vista, também, como um elemento capaz de estabelecer um sentimento de continuidade de mudanças e do cotidiano social.

A fotografia proporciona ao sujeito uma revelação da realidade, muitas vezes como esta não era vista antes, dando assim, um caráter revelador à fotografia. Assim, “na observação da representação da imagem capturada da realidade, utilizamos e expandimos nossa imaginação para análise e interpretação do momento, objeto ou fato registrado, na busca por explicações” (SOUZA; SOUZA, 2013, p.110).

Dessa forma, além do caráter artístico da fotografia, ela adquire uma função de imagem refletida da realidade, servindo como uma espécie de testemunha ou evidência de algo, fazendo com que haja análises do cotidiano com as práticas de vivências culturais e ambientais.

A fotografia cria um sentimento de pertencimento na medida que o ser a analisa, fazendo com que a memória crie um arquivo visual ligado aos sentimentos e ao conhecimento de mundo.

No entanto, Kossoy (2002, p.45) sugere que “uma vez assimiladas em nossas mentes, deixam de ser estáticas; tornam-se dinâmicas e fluidas e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos. Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação econômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos”. O sentimento associado a uma determinada fotografia e interpre-

tação desta faz com que a fotografia se torne cada vez mais um elemento necessário ao cotidiano, pois

A fotografia reforça a necessidade de representar. Nas fotografias, as pessoas fazem supor. Ao mesmo tempo, a fotografia se propõe como apontamento da memória, e não como memória, como lembrete do que se perdeu no cotidiano, na banalização, na secundarização de certos acontecidos, e não se quis perder (MARTINS, 2008, p.43).

Entretanto, “como cada foto é apenas um fragmento, seu peso moral e emocional depende do lugar em que se insere. Uma foto muda de acordo com o contexto em que é vista [...] Cada uma dessas situações sugere um uso diferente para as fotos mas nenhuma delas pode assegurar seu significado” (SONTAG, 2004, p.122) e assim, o pensamento primeiro do fotógrafo pode ser interpretado de maneira não apenas equivocada, mas também de forma a não seguir a sua linha de raciocínio estabelecida durante o momento em que fotografava o objeto.

As imagens têm o poder de produzir em cada indivíduo uma reação diferente, pois a percepção depende da vivência de cada ser. Assim, as imagens podem também provocar impactos diferentes em cada ser e “é impossível haver ‘interpretações-padrão’ sobre o que se vê registrado nas imagens” (KOSSOY, 2002, p.46).

A dualidade de significados gerada pelas fotografias, mencionada anteriormente, resulta em uma ilusão criada pelo espectador que acaba por enganá-lo do real significado da fotografia. Neste sentido, “é claro que a maioria das imagens comporta elementos que, tomados isoladamente, pertencem ao domínio da ilusão. É o caso, em nível micro analítico, de todas as ilusões ‘elementares’ presentes nas imagens” (AUMONT, 2011, p.99).

Ao geógrafo, durante o seu processo de investigação, ao utilizar as fotografias em suas pesquisas, é relevante observar detalha-

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

damente o seu objeto de investigação, com o firme propósito de retratá-lo da forma mais “honesta” possível para que haja o mínimo possível de dualidade nas interpretações inferidas por terceiros.

A fotografia, por apresentar características materiais e subjetivas, mostra a paisagem como “o resultado da interação entre materialidade das formas e o sentimento que desperta nas pessoas que a observam e a vivenciam no cotidiano de suas vidas” (CAETANO; BEZZI, 2011, p. 53) e com isto, pode-se dizer que “o estudo da paisagem pode ser realizado através do método iconográfico, que contempla a análise dos símbolos e signos de uma determinada cultura” (SONTAG, 2004, p.26), pois a partir de tais correlações é possível analisar a paisagem e suas modificações de uma forma completa.

Ao longo do tempo, o sentimento que um indivíduo estabelece com um determinado lugar pode mudar e, por meio da fotografia, sua memória pode ser perpetuada. O sentimento, o saudosismo de uma época e de um lugar, de pessoas e animais pode ser lembrado por meio das fotografias, em que esta mostra o “espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem” (KOS-SOY, 2007, p.133).

Estabelecer uma conexão viável e necessária entre a Paisagem e a Fotografia, para a investigação da ciência Geográfica, requer o cuidado em estabelecer um vínculo real e duradouro, no qual, segundo Kossoy (2007) a fotografia seria então o elo imagético que perdura em um movimento de longa duração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o seu conceito, a paisagem é algo dinâmico, e pesquisadores e profissionais que trabalham com esta categoria geográfica percebem, ou ao menos deveriam, que ela apresenta não uma definição única, mas sim, que ela é um termo polissêmico, que muda ao longo do tempo e da escala em que se analisa o fenômeno.

Diante do exposto, a observação da paisagem e suas alterações tornou-se de suma importância para pesquisadores que trabalham com o território e questões ambientais. Como consequência dessa importância, a fotografia apresenta-se como um mecanismo crucial para estabelecer análises, pois pode “revelar” a paisagem em transformação ao longo do tempo e a interação estabelecida entre a sociedade e o meio ambiente com o qual se relaciona.

Os trabalhos mais recentes sobre a relação entre fotografia e Geografia têm focado no significado dos objetos fotografados, inclusive com argumentos sólidos da importância da fotografia como fonte de registros históricos, não apenas para descrever com fidelidade o tempo passado, mas como um importante instrumento das construções sociais históricas, o que em particular, para o campo da paisagem se mostra relevante, uma vez que além da mera comparação estética ou quantitativa, se pode aliar uma avaliação, ainda que especulativa do ponto de vista qualitativo.

É salutar observar que a compreensão da teoria da paisagem sugere, portanto, que nem toda fotografia de terra é, necessariamente, uma paisagem e nem todas as paisagens representam a terra. Pois a posição padrão aponta para lugares do mundo, ou melhor, lugares registrados em imagens, as quais assumem a qualidade de uma “amostra”. Mas a “Paisagem” provavelmente é melhor entendida como esse conjunto de elementos, expectativas e crenças sobre o meio ambiente e as convenções de sua representação que são projeções sobre o mundo. Tais convenções e expectativas estão sujeitas a mudanças históricas e são culturalmente específicas.

Neste sentido, uma ótima maneira melhor de observar os recursos característicos de qualquer paisagem é fotografá-la. Pois a fotografia não é apenas um registro, é um meio de permitir que o geógrafo veja o que ele observa e um modo de entender o que ele vê.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

- AUMONT, J. A imagem; Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. – Campinas, SP: Papirus, 1993. – (Coleção Ofício de Arte e Forma). 16ª edição, 2011.
- AZEVEDO, L. D. de. Potencialidades narrativas de foto-grafias de cidade. *Revista Brasileira de Educação Geográfica*, Campinas, v. 3, n. 6, p. 142-157, jul./dez., 2013.
- BARTHES, R. *Câmera Lucida*. 5. London, 1982
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. *RA'E GA - O Espaço Geográfico em Análise*, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/view/3389/2718>>. Acesso em: 14 out. 2013.
- BIGNANTE, E. *Geografia e ricerca visuale. Strumenti e metodi. Finito di stampare nel maggio. SEDIT – Bari (Italy). Per conta dela. Gius. Laterza & Figli Spa*. 2011.
- BRITTO, M.C.; FERREIRA, C.C.M. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. *Revista de Geografia, Juiz de Fora*, v.1, n.2, p. 1-10, 2011.
- CAETANO, J. N.; BEZZI, M. L. Reflexões na geografia cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura. In. *Soc. & Nat.*, Uberlândia, ano 23, n.3, 453-466, set/dez. 2011.
- CARVALHO, E. M. de; ROCHA, V. S.; MISSIRIAN, G. L. B. Percepção ambiental e sensibilização de alunos do Ensino Fundamental para preservação da mata ciliar. *E Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* ISSN 1517-1256, v. 23, julho a dezembro de 2009.
- CLAVAL, P. *A Geografia Cultural*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: *Geografia conceitos e temas/organizado por Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa*. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- COSGROVE, D. E. Social formation and symbolic landscape. Originally published: London: Croom Helm, c1984, in series: Croom Helm historical geography series. With new introd. Includes bibliographical references and index. Copyright 1984, 1998 by Denis E. Cosgrove.
- COSTA, E. B. Paisagem-Memória e Função Social da Fotografia. In: *Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos / Organizadores: Valdir Adilson Steinke, Dante Flávio Reis Júnior, Everaldo Batista Costa*. – Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídia – LAGIM, UnB, 2014.
- CHRISTOFOLETTI, A. *Análise de Sistemas em Geografia – Introdução: Antônio Christofoletti*. – São Paulo – HUCITEC: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979. (Geografia, teoria e realidade).
- CHRISTOFOLETTI, A. *Geomorfologia*. São Paulo, Edgar Blücher, 2ª edição, 1980.
- FERRARA, L. D. *Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- KOSSOY, B. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática. 110 p. (Série Princípios; 176). 1989.
- KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP. Ateliê Editorial. 3ª edição. 2002.
- KOSSOY, B. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- LA BLACHE, V. DE; JOSEPH P. M.; MARTONNE, E. *Principes de geographie humaine*. Paris: Armand Colin, 1941.
- LINEHAN, J. R.; GROSS, M. Back to the future, back to basics: the social ecology of landscapes and the future of landscape planning. *Landscape and Urban Planning* 42 207-223. 1998.
- LINTON, D. Foreword, in: G. E. HUTCHINGS *Landscape Drawing*, p. vii London, Methuen, 1960.
- MAHDJOUBI, L.; AKPLOTSYI, R. The impact of sensory learning modalities on children's sensitivity to sensory cues in the perception of their school environment. *Journal of Environmental Psychology* 32 208-215. 2012.
- MARTINS, J. de S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. – São Paulo: Contexto, 2008.

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E FOTOGRAFIA NA GEOGRAFIA

NICKEL, D. "Photography, perception, and the landscape," in Jan Howard, ed. *America in View: Landscape Photography from 1865 to now*. Providence, RI: Museum of Art, Rhode Island School of Design, 2012.

REIS JÚNIOR, D. F. Aspectos históricos da fotografia e realizações em Geografia. In: *In: Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos / Organizadores: Valdir Adilson Steinke, Dante Flávio Reis Júnior, Everaldo Batista Costa*. – Brasília: Laboratório de Geoinformação e Multimídia – LAGIM, UnB, 2014.

RITTER, C.; GAGE, W. L. Comparative Geography. Review by: *The North American Review* Vol. 101, No. 208 (Jul., 1865), pp. 267-269. Published by: University of Northern Iowa. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/25107841>. Page Count: 3

SAUER, O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). *Paisagem tempo e cultura*, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. Editora UFPR. *R. RA'E GA*, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

SCHWARTZ, Joan M.. "Records of Simple Truth and Precision": Photography, Archives, and the Illusion of Control. *Archivaria*, [S.l.], jan. 2000. ISSN 1923-6409. Available at: <http://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12763/13951>. Date accessed: 09 Aug. 2015.

SHAW, D. J. B.; OLDFIELD, J. D.. Landscape Science: A Russian Geographical Tradition. *Annals of the Association of American Geographers*, 97(1), 2007, pp. 111–126 r 2007 by Association of American Geographers Initial submission, December 2004; revised submission, July 2005; final acceptance, July 2006 Published by Blackwell Publishing, 350 Main Street, Malden, MA 02148, and 9600 Garsington Road, Oxford OX4 2DQ, U.K.

SILVEIRA, E.L.D. Paisagem: um conceito chave na Geografia. *EGAL-12o Encontro*. 2009.

SIMMEL, G. Filosofia da Paisagem. In: SERRÃO. A. V. *Filosofia da Paisagem: uma antologia*.

Lisboa: Ed. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2011

SONTAG, S. Sobre fotografia. Tradução Rubens Figueiredo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, H. R. de; SOUZA, L. C. T. de. Outro olhar sobre o lugar: manejar as lentes para redescobrir o espaço vivido. *Revista Brasileira de Educação Geográfica*, Campinas, v. 3, n. 6, p. 105-123, jul./dez., 2013.

STEINKE, V. A.; Imagem e Geografia: o protagonismo da "fotogeografia". In: *Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos / Organizadores: Valdir Adilson Steinke, Dante Flávio Reis Júnior, Everaldo Batista Costa*. – Brasília: Laboratório de Geoinformação e Multimídia – LAGIM, UnB, 2014.

TURRI, E. A paisagem como teatro – do território vivido ao território representado. In: SERRÃO. A. V. *Filosofia da Paisagem: uma antologia*. Lisboa: Ed. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2011.